

O que Sabemos do que Salomão Sabia? Amor em Tempos de Pandemia

Ana Cristina Benevides Pinto¹ - anacristina@centiser.com.br

Ao meu pai, modelo de amor, de sabedoria,
que na sua velhice transborda de gratidão.
Meu eterno Mestre, ainda mais em tempos
de pandemia²

Resumo

Este escrito correlaciona conceitos psicodramáticos como fantasia, imaginação, papéis, espontaneidade criadora e outros, com a vivência coletiva da pandemia de Covid-19. Bem como, propõe a construção do conceito de Desbloqueio Complementar Dramático em ampliação ao de interpolação de resistência, conjugando as perspectivas da psicodinâmica individual e coletiva.

Palavras-chaves: fantasia; imaginação; espontaneidade criadora; desbloqueio complementar dramático.

1 Introdução

A pandemia da Covid-19 provocou inúmeros questionamentos em diversas esferas da sociedade e em todos os segmentos disciplinares da ciência. Frente a isso, a proposta desse escrito é incluir a fundamentação psicodramática como instrumento de uma leitura ativa e reflexiva sobre alguns aspectos do evento pandêmico, atinando para questões da psicodinâmica e da sociodinâmica, bem como também, propondo uma revisão da técnica de interpolação de resistência.

Parti do questionamento sobre como as pessoas reagiram a um fenômeno tão inesperado e abruptamente invasivo que invadiu a realidade cotidiana de todos, e como os recursos psicodramáticos são favoráveis ao constructo responsório saudável.

A complexidade do tema levou-me a inserir artifícios artísticos da literatura e da música, para ampliar a percepção, já que o cunho do texto é estritamente teórico.

¹ Ana Cristina Benevides Pinto - Psicóloga Psicodramatista (CRP 11/0662) Fortaleza-Ceará-Brasil
E-mail: anacristina@centiser.com.br

² Pinto, A. C. B., 2022.

Segue o curso do legado de J. L. Moreno, de que sua teoria seja recriada, mantendo coerência com seus princípios fundamentais. Ensejo esse que gere mudanças oriundas das ampliações de compreensão sobre o sempre complexo ser humano.

2 Desbloqueio Complementar Dramático

Em razão da pandemia da Covid-19, ficamos distanciados, confinados em casa por uma causa maior de resguardo da vida, enquanto alguns lutavam para salvar vidas, tanto as suas como a de outros, no contato direto com um oponente invisível – o vírus.

Sabidamente, somos seres do contato tátil. Nascemos e, de imediato, registramos no corpo as emoções do aconchego materno, tão essencial para a nossa sobrevivência, mesmo que ainda a nível de sistema límbico.

Com a maturação neuropsíquica, vamos agregando às novas experiências mais simbólicas-afetivas, que comporão nosso repertório de sentimentos e memórias, que por sua vez transitarão na nossa história de vida, com suas ambivalências, contradições e atemporalidades, ou não.

Sendo assim, nosso trajeto emocional, em condições saudáveis, inicia-se primariamente do vínculo materno, muito intrinsecamente relacionado ao cuidado, ao acolhimento, à nutrição, ao prazer, à ternura e ao amor.

Naturalmente, também com quem exerce a função materna, experimenta o distanciamento, que auxilia ao bebê a se perceber separado, que falando sinteticamente, o prepara para as vivências seguintes de desenvolvimento biopsicoemocional. Como explica Fonseca:

Existe uma posição psicodinâmica básica no trajeto que a criança percorre entre a etapa fusional em relação ao ambiente circundante e o reconhecimento do Eu, do Tu e do Ele. Essa posição estrutura o aprendizado do relacionar-se e do separar-se, o que, na verdade, constitui dois polos do mesmo processo: a relação-separação. Essa posição representa o alicerce da maneira como o futuro adulto estabelecerá as suas relações(separações) futuras (Fonseca, 2018, p. 242).

Em tempos de pandemia da Covid-19, somos implicados em algumas revisitações, conscientemente ou não, de como lidamos com o distanciamento físico, configurando atitude de amor, de cuidado e de preservação da vida. Quando outrora, codificamos como separação, angústia e dor.

Permeados por uma ansiedade difundida e compartilhada coletivamente, a compreensão intelectual das razões para estarmos distantes fisicamente dos que amamos pode ser mais

cognoscível para os adultos. Para alguns idosos também, por estar propagada e explicitada pelos meios sociais de comunicação, embasados em órgãos competentes de saúde. E para outras pessoas pode funcionar com o formato de decreto para ter validade, pois atravessa a vontade de estar perto dos iguais.

Para apimentar o contexto social, contamos com o agravo decorrente das notícias falsas, que multiplicam os desencontros, as experiências de ansiedade e de desordem intelectual, moral, relacional e mental.

Mas emocionalmente, a compreensão do confinamento imposto pela pandemia é difusa e atravessada por reações de medo, de raiva, de tristeza e de incerteza sobre como e quando voltaremos a ficar bem. O circuito que envolve a separação é mais extenso do que o habitual, exigindo de nós uma tolerância ao desconforto, que sobrecarrega nossa energia psíquica.

A requisição à espontaneidade criadora é cada vez mais prioritária para nos adequarmos ao tangível e ao intangível deste cenário inusitado. Ao pensarmos em espontaneidade-criatividade, como recursos propulsores de ação, tendo como bojo a liberdade para transformar, no contexto sociofamiliar de confinados, indaga-se: qual a expressão desta liberdade?

Talvez, enquanto psicoterapeutas, precisamos olhar para os trânsitos intra e interpessoais, decorrentes do que estamos vivenciando, que pitorescamente, remete-nos a vermos, concomitantemente, no que vemos nos nossos clientes – em atendimentos on-line (a resposta adaptativa possível agora) – ou nos nossos familiares. Estamos experimentando tudo ao mesmo tempo!

A questão é como conjugamos dentro do nosso movimento vivencial atual, abrangendo corpo e mente, a experiência de amar e cuidar, estando distante e sem contato físico. E como não nos agonizarmos com os sentimentos de culpa e de impotência, decorrentes do que aprendemos como sensação de abandono, que configurava uma lógica afetiva de conduta (Nery, 2010, p.61), mas que hoje tem formato de cuidado.

Para aprofundar mais sobre isso, vou pedir ajuda a um texto bíblico para ampliar nossas reflexões. Trata-se de uma cena enaltecida da sabedoria do Rei Salomão:

Então vieram duas mulheres prostitutas ao rei, e se puseram perante ele. E disse-lhe uma das mulheres: Ah! Senhor meu, eu e esta mulher moramos numa casa; e tive um filho, estando com ela naquela casa. E sucedeu que, ao terceiro dia, depois do meu parto, teve um filho também esta mulher; estávamos juntas; nenhum estranho estava conosco na casa; somente nós duas naquela casa. E de noite morreu o filho desta mulher, porquanto se deitara sobre ele. E levantou-se à meia-noite, e tirou o meu filho do meu lado, enquanto dormia a tua serva, e o deitou no seu seio; e a seu filho morto deitou no meu seio. E, levantando-me eu pela manhã, para dar de mamar a meu

filho, eis que estava morto; mas, atentando pela manhã para ele, eis que não era meu filho, que eu havia tido. Então disse a outra mulher: Não, mas o vivo é meu filho, e teu filho o morto. Porém esta disse: Não, por certo, o morto é teu filho, e meu filho, o vivo. Assim falaram perante o rei. Então disse o rei: Esta diz: Este que vive é meu filho, e teu filho o morto; e esta outra diz: Não, por certo, o morto é teu filho e meu filho, o vivo. Disse mais o rei: Trazei-me uma espada. E trouxeram uma espada diante do rei. E disse o rei: Dividi em duas partes o menino vivo; e daí metade a uma, e metade a outra. Mas a mulher, cujo filho era o vivo, falou ao rei (porque as suas entranhas se lhe enterneceram por seu filho), e disse: Ah! Senhor meu, dai-lhe o menino vivo, e de modo nenhum o mateis. Porém a outra dizia: Nem teu nem meu seja; dividi-o. Então respondeu o rei, e disse: Daí a esta o menino vivo, e de maneira nenhuma o mateis, porque esta é sua mãe (1 Rs. 3:16-28 Bíblia on-line).

Nesse relato, a identificação da mãe é evidenciada pela escolha de preservação da vida do ser amado, a despeito das suas próprias perdas. Há uma urgência que a interpela para chegar ao que, de fato, é essencial. Poderíamos contemplar como é a verdade poética e psicodramática dessa mãe. Uma resposta criativa capaz de resguardar, o que para ela era o mais precioso naquele momento – a vida do filho.

Essa estória nos dá uma perspectiva necessária para os atuais tempos pandêmicos, a de conseguirmos ser criativos a despeito da dor. Algo mais profundo nos leva a decidir, custeado por um sofrimento real, advindo das lógicas afetivas de condutas, fundantes das nossas aprendizagens emocionais, relacionadas aos princípios básicos dos relacionamentos interpessoais, aqui sintetizadas por: quem ama cuida ficando por perto.

Velozmente, fomos obrigados a nos afastarmos e nos olharmos como possíveis vetores da doença, quando outrora nos víamos como vetores de amor, de carinho, de aceitação e de vida. Esquisito, pois de uma hora para outra, poderemos carregar a morte sem saber.

Diante disso, surge o questionamento de como podemos ajustar nossas percepções e nossas escolhas no campo das relações humanas, preservando nossos movimentos existenciais possíveis, contando com a nossa mobilidade socioafetiva, para nos mantermos saudáveis emocionalmente.

Para ampliar o potencial reflexivo do texto, vamos imaginar metaforicamente que Salomão é o diretor dessa cena, aqui, sociodramática. “Os personagens do drama estão presentes *in loco*, exercem seus papéis sociais no palco psicodramático, confrontam-se sociometricamente e exercem poder.” (Nery, 2010, p. 125).

Assim, nosso diretor, em busca da verdade poética e psicodramática, ousou dar asas à imaginação e atuou dentro do que ele entendia como fantasia – partir a criança ao meio – contudo, pela sua posição de realeza, suscitou um risco de se tornar realidade.

O que o risco dispara em nós, se não nossas fantasias, evocadas por um sofrimento interno real. Para as mulheres da cena, a fantasia se concretizaria em fato, inicialmente forjada nas suas realidades suplementares, em evidente protagonismo, mas, em seguida, na concretude dos costumes da época.

Contendo no risco componentes inesperados, o trânsito de informações e sensações no plano da fantasia e da imaginação é acentuado, inclusive, como resposta adaptativa à angústia, diante do intenso e iminente confronto com o desconhecido, percebido como ameaçador.

Por essa ótica, e/ou em outras situações, evidencia-se que imaginação e fantasia são funções protetoras da nossa saúde mental, até conseguirmos harmonizar com a realidade, diferenciando-as e ordenando-as, na mescla das nossas funções psíquicas, sem a pretensão de posicioná-las separadamente, quando funcionam de maneira interligadas.

É quando integramos o conceito moreniano de brecha entre a fantasia e a realidade (estruturante da complementariedade consciente dos primeiros papéis sociais da criança) no universo adulto, que através do equilíbrio espontâneo, promove-se a fluidez da criatividade. Um exemplo dessa dinâmica, é a criação artística, e aqui, cito Ferreira Gullar (2013) para expandir a reflexão:

A arte existe porque a vida não basta. E é verdade. Não pretendo com isso dizer que a vida é só chatice e sofrimento. Não, a vida tem muita coisa boa e bela, mas, por mais que tenha, não nos basta. É que nós, seres humanos, sempre queremos mais. Mais alegria, mais felicidade, mais beleza (Ferreira Gullar, 2013)

Ao longo dos milênios, a arte mudou muito. Claro que, como a vida, a arte também não basta – tem que mudar para nos suscitar novas sensações, novas descobertas, novas alegrias. Por isso, ela muda. E vem mudando desde que surgiu nas paredes das cavernas, sem se saber que aquilo era arte. Sim, porque arte é apenas o nome que se dá a essa necessidade de inventar a vida.

Didaticamente, podemos olhar para a fantasia como um plano de funcionamento psíquico, originariamente mais virgem, no sentido de inaugural, para possibilidades ainda não construídas ou inventadas e bem suscitadas pelo desejo, nas quais tudo é possível de aparecer, já que está protegido, por ser uma dimensão de acesso exclusivo ao seu próprio portador/fantasiador. E acrescento a característica de ser infindável a capacidade de produção de conteúdo, bem como fertilizada pela prática.

É assim que ousamos fabricar associações esdrúxulas, superstições que só admitimos para nós mesmos, devaneios bizarros, ambições inconfessáveis e cenas estapafúrdias sombreadas pela loucura, mas liberadas por estarem no plano da fantasia.

É *locus* do misterioso mundo primitivo e rudimentar de cada um, repleto de possibilidades e credences construídas para lidar com os processos mentais inconscientes, que tendemos pretensiosamente, dar forma inteligível, através da imaginação criadora, para assim, chegar ao mundo real.

Na fantasia, brotam também sonhos esperançosos, devaneios misturados com o receio ou o desejo de vir a ser real, coisas improváveis que passam a ser vistas como possíveis, promessas irrealizáveis, decisões inabaláveis, tangenciando um visco para a realidade. Como diz Brito (1998, p.319): “As fantasias servem para ocultar coisas desagradáveis para negar a realidade e para coisificar ou nadificar o próximo”.

É uma situação diferente da ilusão, porque aqueles que fantasiam sabem vagamente que há um blefe, por certo, vacilarão diante do desafio de uma aposta alta ou da contingência de ter de se comprometer de modo total e irrevogável com sua fantasia.

Outra diferença, é que a fantasia costuma ser uma produção de nossa autoria, individual ou grupal, enquanto as ilusões, são quase sempre algo que vem de fora, são engodos do sistema, o produto de uma rede deliberada de mentiras e desinformações.

A imaginação é plataforma para o faz-de-conta interno e externo, na qual podemos construir o lúdico, o fictício, o mítico, o lendário e ainda articular símbolos e imagens para eles, bem como para a fantasia. De algum modo, em algumas situações, já parte de algum disparo da própria fantasia, como “função primária da encenação do desejo” (Gonçalves, 1988, p.92).

Na imaginação, as hipóteses, conjecturas e teorias se conjugam com os atributos culturais e perceptuais mais direcionados para a prática e para a busca de sentido vivencial. O real é mais considerado, pois as noções culturais se evidenciam pelos referenciais ordinários presentes no universo imaginativo, por exemplo, quando planejamos alguma ação.

Destaco que a intersubjetividade cultural deve ser considerada bem como os aspectos fisiológicos de cada pessoa, já que se trata de uma atividade mais cerebral, mais cognoscitiva e mais intelectualizada do que a fantasia, que muitas vezes, foi ou está atravessada pelo vivencial ainda indecifrável.

A fantasia carece da imaginação para viabilizar seus conteúdos nos papéis imaginários ou sociais, como se traduzisse melhor ou apurasse a composição do conteúdo, do desejo fantasiado, com o significado de modo a vir ser canalizador da verdade poética e psicodramática do indivíduo.

Por outro lado, a fantasia tem uma função de balançar alguns papéis imaginários, cristalizados pela transferência, como se os desempoeirasse com alternativas não consideradas até então, mas não necessariamente estapafúrdias, pois partem de estímulos advindos das relações, em especial, no contexto psicodramático, na construção de um *status nascendi* relacional novo, capaz de desencapsular o papel imaginário conservado, por uma ação primária no universo mental do indivíduo, advindo internamente da função fantasia e externamente da vivência na cena psicodramática.

Reafirmo que destrinchar esses conceitos tem uma mera função didática, já que na prática é obviamente impossível separá-los. A ideia é direcionarmos-nos para uma apropriação teórica que nos conforte na prática, para moermos a cana e termos boas rapaduras, sem perdermos de vista a riqueza de nutrientes para além do dulçor.

A carga subjetiva, que carregamos em nosso existir, respira no plano da fantasia e da imaginação, oxigenando possibilidades de trânsito dos sentimentos e emoções que permeiam as nossas vivências internas e relacionais a todo instante. Sem esse plano, não existiríamos, ditos são ou doentes.

A fantasia é a essência do teatro, base da Socionomia, substrato para o nosso trabalho, o que nos mobiliza a refletir mais, para nos apropriarmos melhor no manejo do papel de diretor. Aliás, partimos dos conceitos de fantasia e imaginação para identificarmos os papéis.

Para Moreno (1993), a realidade e a fantasia não estão em conflito na cena dramática. Na verdade, o que ele acentua é o valor de uma verdade subjetiva que supõe que a imaginação do homem não deixe de lado a “eterna criança que existe nele, descobrindo novos modos de preencher o universo com seres fantásticos, mesmo que precise criá-los” (Perazzo, 1999, p.140)

No plano da realidade suplementar, a realidade, a fantasia e a imaginação estão em coexistência fecunda para a criação, seja na cena psicodramática, seja nos testes de espontaneidade da vida cotidiana.

Há de considerarmos também que o plano da fantasia e da imaginação abrange os estados co-inconscientes e co-conscientes, obviamente por se tratar de um plano funcional da mente, como também por articular conteúdos desses estados. Como nos enriquece Perazzo (1999) ao afirmar que:

É este vir-a-ser individual de uma verdade psicodramática e poética que o psicodrama resgata, através da realidade suplementar, que nada mais é do que a realidade invisível ou, mais precisamente, a dimensão invisível de realidade, que se revela para o sujeito na própria ação dramática, a partir, principalmente, a inversão de papéis e da intervenção espontânea dos egos-auxiliares no jogo complementar de papéis psicodramáticos, que

ele incorpora, passando a deixar que ela flua criativamente, a partir daí, como uma nova verdade, em seus papéis sociais na sua relação com o mundo (Perazzo, 1999, p. 140-141)

Um dado importantíssimo do plano da fantasia é que nesse espaço, exercitamos com maior plenitude a autoria das histórias, como um treinamento fundamental para o protagonismo na cena psicodramática e na vida relacional. Visto que podemos exercitar percepções diversas das realidades.

Comparando com o que vivemos, na cena real, o coronavírus ameaça matar a nós mesmos e aos que amamos ou prezamos, mesmo que a fantasia ou delírio de alguns seja diferente, levando à indiferença ou a tratar com ignorância o perigo.

Mas o risco está presente, um personagem constante de nossa história atual e habitante do nosso imaginário, carregando a fantasia da dor, da morte, da falência, da fome e de muitos danos. Fantasia para algumas pessoas, realidade para outras tantas. Portanto, algo mais factível, gerador, necessariamente, de emoções e de sentimentos, como angústia, medo, culpa, indignação, expressões humanas ao inesperado e ameaçador.

Independente da intensidade, esse cenário é como se fosse uma “Interpolação de resistência”, técnica citada por Moreno, como aplicável não apenas às resistências internas do paciente, mas também no campo dos acontecimentos concretos, remetendo às interpessoais. E aqui, podemos incluir também as intrapsíquicas, com quesitos como a morte própria e de outros, as perdas e as sequelas do adoecimento, pós-covid. Num desdobramento teórico mais atualizado, Nery (2010) explica que:

Interpolação de resistência é resultante dos obstáculos que a realidade ou as relações nos impõem para que possamos, por exemplo, perceber nossos limites, nossos abusos de autoridade ou para que nossa criatividade se apresente para lidarmos com situações adversas. É a técnica em que o diretor apresenta um conteúdo novo para uma cena dramática ou faz um parecer que provoca alguma surpresa para o protagonista e para os elementos do grupo. A introdução de elementos novos ou que surpreendem contribui para o protagonista liberar sua espontaneidade-criatividade em relação ao conflito (Nery, 2010, p. 128).

Na prática psicoterápica é uma técnica de pouco uso, dada a dificuldade de compreensão e o manejo de aplicação. Numa bela explanação, Calvente (1998) coloca questionamentos importantes sobre o que é resistência, a comparação do conceito entre Psicodrama e Psicanálise, os momentos históricos em que Moreno utilizou a técnica, em especial, no caso do Robert, além disso, estrutura a posição de se usar a interpolação de resistência de outra maneira.

Calvente (1998, p.103) afirma: “definitivamente, utilizo a interpolação atualmente mudando as características do contrapapel para resolver as resistências ligadas ao papel, mudando as cenas para resolver as resistências ligadas às mesmas”. E por fim, sugere o termo interpolação de aquecimento, como forma mais adequada para se referir ao recurso.

Preservando a seiva conceitual de que é objetivo das técnicas psicodramáticas favorecer que a espontaneidade criadora se manifeste, prossigo a análise de que o termo ainda não ajuda à compreensão e aplicação da técnica. E o proposto pelo Calvente, muito estimula a desenvolvê-lo, visto que a técnica pode manter o aquecimento durante a dramatização, em especial quando parece travar ou quando as cenas não evoluem. Contudo, será que se coloca somente entre os polos – papel e contrapapel?

Seguimos na esteira do raciocínio do qual estamos pesquisando, a todo momento, onde está o bloqueio da espontaneidade e quando algumas cenas que não caminham, geram ansiedade no diretor e nos ego-auxiliares, ainda mais na psicoterapia individual bipessoal, quando o diretor acumula a função ego-auxiliar.

Sugerir algo inusitado precisa ir além do engenhoso para sintonizar com o sensível ao alavanque de mudanças geradoras de respostas criativas, transcorrendo nas realidades suplementares de todos os elementos do grupo, ainda que sejam somente diretor e protagonista. Assim como o efeito terapêutico típico de ações psicoterapêuticas grupais, em que todos se beneficiam mutuamente.

Como deduz Perazzo (2010): “a realidade suplementar se constitui como um requinte criativo em que o sujeito se integra e se eleva numa dimensão cósmica da confluência da condição humana na relação com seu semelhante” (Perazzo, 2010, p. 108).

Partindo daí e acrescentando que realidade e fantasia não estão em conflito, a intervenção será feita num grau de confluência entre imaginação e fantasia e o dado relacional do contexto social, representado na cena psicodramática, que precisa ser libertado.

A interação entre os personagens, com seus corpos que se mostram e que trazem significados, constrói a concretude do que transitava no fluxo das dimensões invisíveis da realidade na vida intra e extrapsíquica.

Destaca-se que a inspiração do ego para intervir, constrói-se no casamento entre a sua intuição e a sua percepção dos movimentos conservados, da falta de espontaneidade e de criatividade. Obviamente, egos auxiliares diferentes fazem intervenções em realidades suplementares diferentes, além de tocar em constructos transferenciais distintos, mas em que todos convergem ao objetivo psicoterapêutico comum de desencadear respostas criativas.

Antes de chegarmos ao ponto de cunhar um termo para essa técnica, evoco outro aspecto que é aquele que se relaciona com o protagonista somente no seu mundo interno, profundamente intrapsíquico, apesar das referências culturais, que sendo desempenhado na cena psicodramática, é desvelado de significados transferenciais e de tele.

Reporto-me ao representante relacional simbólico (Pinto, 2021), executor de funções simbólicas, representativas de vínculos residuais (Aguiar, 1990), que estão em nossa história de vida e que constroem nossa subjetividade. Esse representante, acentua a dinâmica conservada, que na vida real, perpetua padrões cristalizados e o sofrimento do indivíduo.

Para a prática psicodramática, importa o poder simbólico desse representante e a transfiguração dele na cena psicodramática, saindo de representante relacional simbólico para papel complementar do papel originário do vínculo residual, no qual se construiu a lógica afetiva de conduta.

A importância dessa decodificação tem razão estratégica para o diretor, por ser a visualização do complementar interno conservado (Perazzo, 1994) em cenas carregadas de força simbólica, que podem gerar *insights* dramáticos seguidos da catarse do protagonista e do grupo.

Assim posto, a intuição do ego inclui a percepção dos sinais do representante relacional simbólico, como um possível, não único, indicador do que precisa ser desbloqueado. Nota-se que a familiaridade do protagonista com o seu representante relacional simbólico cerra, de várias formas, o acesso aos conteúdos vinculares transferenciais e conservados.

Proponho, então, a concepção do termo Desbloqueio Complementar Dramático. Recriado a partir do vocábulo Interpolação de resistências, o conceito refere-se à intervenção do ego-auxiliar no contexto dramático, quando através do jogo de papéis, ele provoca uma mudança perceptual capaz de trazer um *insight* dramático.

Decorre na função ego-auxiliar, desenvolvida pelo diretor ou pelo ego, o papel complementar do protagonista, ao perceber a repetição de respostas, advindas da cristalização do padrão relacional entre os papéis representados, emite uma resposta nova, surpreendente, até inusitada e capaz de evocar emoções represadas ou cristalizadas, provavelmente em papéis encapsulados ou em representantes relacionais simbólicos.

Os sinais de que o Desbloqueio Complementar Dramático precisa acontecer são visíveis quando a cena não caminha, ou seja, as respostas gestuais ou verbais giram em torno do mesmo padrão. O nível de aquecimento declina e provoca a falência do clima protagonístico.

Daí a importância de que a função ego-auxiliar esteja bem sintonizada com a temática e com os indícios emocionais, visto que a aplicação da técnica do Desbloqueio visa criar algo

novo, fruto da interrupção surpreendente, mas consoante e inspirada pelos sentimentos e pelo fenômeno co-insciente, presente na relação entre o ego e o protagonista, fundada na realidade suplementar de cada um, convergidas para o processo espontâneo criativo fluir.

A terminologia Desbloqueio refere-se ao objetivo da técnica: desbloquear o fluxo da espontaneidade criadora. Complementar porque ocorre na interação dos papéis complementares dos personagens representados pelo ego (ou sua função) e pelo protagonista. Dramático por só acontecer na cena psicodramática. A ideia de desbloqueio também sugere a promoção da catarse do protagonista, seguida da catarse do grupo e de integração, a depender da potência dramática da cena.

Pelo princípio de que a espontaneidade é contagiante, a resposta/proposta criativa do ego gera um *insight* dramático no protagonista, a partir da reação libertadora no seu papel complementar interno, encapsulado pelas emoções e em processo de desencapsulamento no papel complementar, em ação dramática com aquele ego.

Desafiadoramente, o sucesso da aplicação da técnica depende da influência emocional que o ego se permite, pela trama oculta do protagonista, que ainda não desvelada, mas presente pela carga emocional da cena, pede espaço para surgir, mesmo que as defesas relutem através das respostas conservadas.

Há de ser refinada a percepção do ego para os sinais sutis, como gestos corporais, sorrisos discretos, olhos marejados ou prioritariamente, a imersão na trama do protagonista, encarnando o drama coletivo, para que a escolha da proposta norteadora do desbloqueio seja frutífera. Seja a co-construção vivencial de um *status nascendi* relacional novo, com o fenômeno que travou a dramatização ou mesmo a psicoterapia.

3 Considerações Finais

Imagino que Salomão intuiu muito bem para fazer a proposta desveladora da verdade. Seria a verdade poética e psicodramática dessa mãe manter o filho vivo mesmo que ao custo de deixá-lo com a falsa mãe?

Quão conectados com a nossa verdade psicodramática e poética precisamos estar para lidarmos com os abraços impossíveis, com os contatos digitais e suas falhas de conexão técnica, que horas parecem uma pinima virtual, horas parece um respiro para a emoção de “uma dor assim pungente”, para citar Aldir Blanc (1979), vitimado pela covid-19.

O que precisamos acreditar e talhar em nossas vidas para que essas dores não sejam inutilmente a esperança? Nesta mesma canção, Blanc e Bosco concluem que a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar.

Urge que a arte psicodramática persevere na competência técnica e humana, para continuar reconstruindo e co-construindo tantas vidas psiquicamente devastadas, com sequelas psiquiátricas, lutos inacabados e esgotamentos emocionais.

Algumas raras pessoas, ainda no *status nascendi* relacional da vivência da Covid-19, redimensionaram sentidos e percepções de vida, em especial, reinventando formas de cuidar e de amar, com princípios biofílicos bem definidos.

Majoritariamente, a população precisa de amparo psicoterápico, o que realça a prestimosidade do Psicodrama para tal fim. O impacto frontal de surpresa com a fragilidade da vida biológica, social e política, que a Covid-19 nos escancara, deflagrou muitas respostas conservadas, além dos desmontes de condutas agressivas e hostis cristalizadas.

Adoecemos coletivamente e a utopia de Moreno (1993) por um método que tratasse a humanidade inteira, ronda-nos como nova necessidade de investir, não na soberania infantil do Psicodrama, mas na força transformadora das ações grupais.

A humanidade precisa se reconhecer em um Sociodrama, carente de co-diretores que nos facilitem revisitar nossas escolhas sociométricas e de preservação, daquilo que nos é mais valioso. Que sejamos tolerantes às diferenças naturais e confluentes à construção do bem comum, da casa comum, da existência inevitavelmente partilhada.

É provável que nas incontáveis próximas sessões de atos psicodramáticos, os psicodramatistas utilizem mais o Desbloqueio Complementar Dramático, visto o aumento de traumas emocionais, desde o surgimento desta pandemia e ainda perdurando durante a escrita desse trabalho.

Num trocadilho poético, acredito que Salomão já entendesse o efeito do Desbloqueio Complementar Dramático, bem como sabia da força transformadora do amor, essencialmente amor, mesmo que precise se manifestar de formas diferentes, a depender do contexto.

Ante tantas mudanças, o olhar do outro continua a legitimar a nossa existência, o nosso crescimento, a nossa singularidade. Continuamos a nos construir, a nos destruir e a nos reconstruir nas nossas relações.

Com tantos recursos disponibilizados pelo Psicodrama, a reconstituição dramática possibilita-nos maiores e melhores compreensões dos aspectos visíveis e invisíveis presentes nos vínculos, apontando-nos possibilidades de escolhas. Indispensável que sejam escolhas propulsoras da vida, como fez a mãe verdadeira da estória de Salomão e como nos urge, a cada dia, com os fugazes estados de consciência.

Nos tempos em que vivemos, estamos sendo ensinados, a duras penas, que não podemos controlar tudo, bem como também, que somente ações pautadas no amor, na justiça, na solidariedade, na criatividade, no encontro farão a vida florescer.

Referências

- Bíblia On-line. (2022). Recuperado de <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1rs/3/16-28>.
- Aguiar, M. (1990). *O Teatro terapêutico*. Campinas: Papirus.
- Bosco, J., Blanc, A. (1979). *O Bêbado e a Equilibrista*. [LP] - Elis, essa mulher, WEA.
- Brito, D. J. (1998). *Astros e ostras: uma visão cultural do saber psicológico*. São Paulo: Ágora.
- Calvente, C. (1998). Interpolação de resistências. In: Monteiro, R. F. (org). *Técnicas fundamentais do psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca, J. (2018). *Essência e personalidade: elementos de psicologia relacional*. São Paulo: Ágora.
- Gonçalves, C. S. (1988). Pequeno comentário sobre a metodologia psicodramática: o lugar da fantasia. *Anais do 6º Congresso Brasileiro de Psicodrama*, v. 2, pp. 90-93.
- Gullar, F. (2013). Beleza ainda põe mesa. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, E8, São Paulo, 21jul.2013. Recuperado de <http://avaranda.blogspot.com/2013/07/beleza-ainda-poe-mesa-ferreira-gullar.html>.
- Moreno, J. L. (1993). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Campinas: Editorial Psy.
- Nery, M. P. (2010). *Grupos e intervenção em conflitos*. São Paulo: Ágora.
- Perazzo, S. (1994). *Ainda e sempre psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Perazzo, S. (1999). *Fragmentos de um Olhar Psicodramático*. São Paulo: Ágora.
- Perazzo, S. (2010). *Psicodrama: o forro e o avesso*. São Paulo: Ágora.
- Pinto, A. C. B. (2021). DEGUSTAR PSICODRAMA ON-LINE COM PORTADORES DE OBESIDADE. VOCÊ ACEITA? *Revista Brasileira De Psicodrama*, 29(2), 138–143. Recuperado de <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/481>.